

A derivação sufixal na terminologia do século XVIII: um estudo dos sufixos *-os(o)* e *-ad(o)* na obra de Vandelli

Suffixal derivation in 18th century terminology: a study on the suffixes *os(o)* and *-ad(o)* in Vandelli's work

Kamila da Silva Barbosa *

Bruno Maroneze **

Graça Rio-Torto ***

RESUMO: Este artigo investiga a formação de termos por derivação sufixal na terminologia científica portuguesa do século XVIII, tomando como objeto de análise os adjetivos formados com os sufixos *-ad(o)* e *-os(o)* presentes no *Dicionario dos Termos Technicos de Historia Natural* (1788), de Domingos Vandelli. O objetivo central é compreender os mecanismos de enriquecimento lexical empregados na constituição da linguagem científica em língua portuguesa em um momento decisivo de sua consolidação, marcado pela transposição do saber científico do latim para as línguas vernáculas. A pesquisa adota uma abordagem morfológica e etimológica, articulando descrição estrutural e análise histórica dos termos, e fundamenta-se no conceito de neologismo proposto por Alves (2007), considerando como neológicos os itens que não apresentam registro anterior a 1788 no *Dicionário Houaiss Online*. O córpus analisado revelou a ocorrência de 14 termos em *-ad(o)* e 13 em *-os(o)* que podem ser classificados como neologismos históricos. A maioria desses termos apresenta correspondentes diretos em latim, frequentemente registrados na própria obra de Vandelli (por exemplo, *ciliatus*, *bulbosus*, *tuberculatus*), o que evidencia a forte influência do modelo latino na constituição da terminologia científica portuguesa. A análise mostra que tais unidades não podem ser explicadas apenas como criações endógenas do português, mas devem ser compreendidas como latinismos adaptados, isto é, formas cujo étimo é latino, mas cuja estrutura morfológica se conforma aos padrões derivacionais da língua portuguesa. No caso do sufixo *-ad(o)*, o estudo demonstra que ele não se limita à função de desinência de particípio verbal, mas atua amplamente como sufixo denomininal formador de adjetivos, inclusive em contextos nos quais não há verbo correspondente atestado em português. Já o

* Mestra em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora da Rede Pública Estadual do Estado de São Paulo. kamilabarbosa@prof.educacao.sp.gov.br.

** Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professor Associado da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Membro Colaborador Externo do CELGA-ILTEC. maronezebruno@yahoo.com.br.

*** Doutora em Linguística Portuguesa pela Universidade de Coimbra. Professora Catedrática (aposentada, com vínculo à UC) do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do CELGA-ILTEC. riotorto@fl.uc.pt.

sufixo *-os(o)* apresenta comportamento mais estável, formando adjetivos a partir de substantivos e, em diversos casos, recuperando bases eruditas de origem latina. Em ambos os conjuntos, observa-se a necessidade de distinguir claramente a estrutura morfológica dos termos — analisável como derivação sufixal — de sua descrição etimológica, que aponta para processos de decalque a partir do latim. Conclui-se que a obra de Vandelli desempenhou papel decisivo na difusão e sistematização da terminologia científica em português, contribuindo para a afirmação do idioma como língua de ciência. Além disso, a análise diacrônica dos sufixos *-ad(o)* e *-os(o)* evidencia como práticas lexicais do século XVIII ajudaram a moldar padrões derivacionais ainda produtivos no português contemporâneo, ampliando o entendimento da história do léxico técnico-científico e da morfologia derivacional da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Derivação sufixal. Neologismos terminológicos. Formação de termos. Etimologia. Terminologia.

ABSTRACT: This paper investigates suffixal derivation in eighteenth-century Portuguese scientific terminology, focusing on adjectives formed with the suffixes *-ad(o)* and *-os(o)* in the *Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural* (1788), by Domingos Vandelli. The main objective is to understand the mechanisms of lexical enrichment involved in the formation and consolidation of Portuguese as a scientific language at a historical moment marked by the transition from Latin to vernacular languages as vehicles of scientific knowledge. The study adopts a combined morphological and etymological approach, articulating structural analysis with historical interpretation, and is grounded in the concept of neologism proposed by Alves (2007). Terms are considered neological when no attestation prior to 1788 is recorded in the *Dicionário Houaiss Online*. The analysis of the corpus identified 14 neological adjectives formed with *-ad(o)* and 13 with *-os(o)*. Most of these terms present direct Latin correspondents, frequently attested in Vandelli's own dictionary (e.g. *ciliatus*, *bulbosus*, *tuberculatus*), which highlights the central role of Latin as a model for scientific lexical formation. These data indicate that such units cannot be explained solely as endogenous formations of Portuguese, but rather as adapted Latinisms, that is, lexical items whose etymon is Latin while their morphological structure conforms to Portuguese derivational patterns. Regarding the suffix *-ad(o)*, the results show that it cannot be reduced to the function of a verbal past participle ending. Instead, it operates productively as a denominational adjectival suffix, including in cases where no corresponding verb is attested in Portuguese. The suffix *-os(o)*, in turn, displays a more stable derivational behavior, regularly forming adjectives from nouns and, in several instances, recovering erudite bases of Latin origin. In both sets of data, the analysis demonstrates the importance of clearly distinguishing between morphological structure and etymological description: although these terms are morphologically analyzable as suffixal derivatives in Portuguese, their historical formation involves processes of calquing from Latin. The study concludes that Vandelli's work played a crucial role in the diffusion and systematization of scientific terminology in Portuguese, significantly contributing to the establishment of the language as a medium for scientific discourse. Furthermore, the diachronic analysis of the suffixes *-ad(o)* and *-os(o)* reveals how eighteenth-century lexical practices helped shape derivational patterns that remain productive in contemporary Portuguese, thereby enhancing our understanding of the historical development of scientific and technical vocabulary and of Portuguese derivational morphology.

KEYWORDS: Suffixal derivation. Terminological neologisms. Term formation. Etymology. Terminology.

1 Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a formação de termos por derivação sufixal na terminologia científica portuguesa do século XVIII, tomando como objeto específico o emprego dos sufixos *-os(o)* e *-ad(o)* no *Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural* de Vandelli (descrito a seguir). Buscamos, com isso, entender a dinâmica de enriquecimento lexical da linguagem científica em língua portuguesa, contribuindo para os estudos de Morfologia e Terminologia Diacrônica.

A obra escolhida como córpus desta pesquisa tem como título completo “Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural extraídos das Obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos. E a Memoria sobre a Utilidade dos Jardins Botanicos que offerece a Raynha D. Maria I Nossa Senhora Domingos Vandelli”. Publicado em 1788, trata-se de uma das mais importantes obras da época para a ciência portuguesa. Seu autor foi o naturalista italiano Domenico (aportuguesado “Domingos”) Vandelli, que exercia diversas funções em Portugal, tais como diretor do Real Jardim Botânico e professor na Universidade de Coimbra (como se pode ler na própria folha de rosto da obra). A obra baseia-se nos trabalhos de Lineu (um dos mais importantes naturalistas da história da ciência, com quem Vandelli manteve extensa correspondência) e teve como público-alvo os estudantes da Universidade de Coimbra, para que, com a obra em mãos, não precisassem mais depender do conhecimento de latim, pois ela continha os termos das várias Ciências Naturais em português. Sobre isso, Verney (1746, p. 122, também citado em Pereira, 2017, p. 116) descreve:

Antigamente intendiam os doutos, que era necesario saber Latim, para saber as Ciencias: mas no-seculo pasado, e neste prezente, dezenganou-se o mundo, e se-persuadio, que as Ciencias se-podem tratar, em todas as linguas. Parece-me que com muita razam: porque a maior dificuldade das-Ciencias consiste, em serem escritas em Latim,

língua que os rapazes nam intendem bem. Onde nam só sabem mal a materia, mas o tempo que deviam empregar, em a-estudar, ocupam em perceber a língua (Verney, 1746, tomo I, p. 122).¹

Essa obra tem sido objeto de diversos estudos recentes do ponto de vista linguístico, dentre os quais podemos destacar Pereira (2017) e Maroneze (2019), que argumentam que a obra foi importante na divulgação dos termos e conceitos científicos e na consolidação da linguagem científica em língua portuguesa, em especial porque seu autor criou e/ou divulgou diversos neologismos devido à falta de equivalentes em português para os termos latinos.

Além desta introdução (que é a seção 1), na seção 2, apresentamos os conceitos teóricos e metodológicos que orientaram a nossa investigação; em especial, abordamos o que entendemos por “neologismo” e quais métodos podem ser empregados para estudar neologismos introduzidos em épocas históricas. Na seção 3, discorremos brevemente a respeito dos sufixos *-os(o)* e *-ad(o)*, observando suas descrições em gramáticas e estudos linguísticos. Na seção 4, apresentamos os dados encontrados na obra de Vandelli e, na seção 5, discutimos os mecanismos de formação desses neologismos, com a distinção entre estrutura morfológica e descrição etimológica. Por fim, apresentamos as considerações finais, em que reiteramos a importância dessa obra para a história da formação de termos e da linguagem científica em língua portuguesa.

Parte das considerações aqui apresentadas reitera e amplia as conclusões da dissertação de Barbosa (2023).

¹ Tanto nesta citação quanto nos exemplos extraídos da obra de Vandelli, optamos por não modernizar a ortografia, mantendo, por exemplo, grafias como *razam* (para *razão*), *prezente* (para *presente*) etc. No entanto, optamos por não empregar o caractere “s longo” (f ou ſ), adotando, em vez dele, o “s” comum moderno.

2 Conceitos teóricos e metodológicos

Neologismo é o nome dado ao resultado de uma criação lexical (a *neologia*), ou seja, a nova palavra. Através de tal fenômeno as línguas vivas se renovam e ele “pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens lexicais provenientes de outros sistemas linguísticos” (Alves, 2007, p. 5). Há vários tipos de neologismos: fonológicos; sintáticos (designação que abarca os neologismos formados por derivação, composição, sintagmática e acronímica); semânticos; formados por conversão, por empréstimos de outras línguas e por processos de truncamento, palavra-valise, reduplicação e derivação regressiva (Alves, 2007).

O presente trabalho foca-se no processo de derivação por afixos, em específico a derivação sufixal, “o processo de formação de palavras mais rico e diversificado da língua portuguesa, sendo, consequentemente o mais acionado pelos falantes” (Rocha, 1998, p. 97); aponta-se (por exemplo, em Gonçalves, 2016, p. 48) que “a sufixação tem sido - e ainda é - a principal fonte de novas palavras complexas em português”.

Alves (2007, p. 29) e Bechara (2004, p. 338), entre muitos outros, descrevem o sufixo como um elemento preso ou não autônomo que complementa o sentido da base e que, frequentemente, altera a sua classe gramatical. Para este artigo, foram escolhidos os sufixos *-ad(o)* e *-os(o)*², presentes em muitos termos identificados na obra analisada. Para a identificação dos termos como neológicos ou não, utilizou-se o critério da inexistência da atestação prévia (Maroneze, 2019; Alves e Maroneze, 2025), ou seja, os termos formados pelos sufixos *-ad(o)* e *-os(o)* que foram considerados neologismos são aqueles que não têm datação anterior à obra de Domingos Vandelli (1788), ou que não

² Optamos por representar os sufixos *-ad(o)* e *-os(o)* grafados com a terminação indicativa de gênero entre parênteses, em vez das formas *-ado* e *-oso* frequentes em muitas gramáticas e artigos acadêmicos, para assinalar as possibilidades de flexão em gênero e número.

têm datação identificada³. A fonte empregada para essas datações é o dicionário *Houaiss Online* (Houaiss; Villar, s/d), por ser a maior compilação disponível desses dados em língua portuguesa, apesar de ainda conter lacunas e imprecisões. Também conferimos as datações presentes em Cunha (1982), que, ao menos em relação aos termos analisados, não são anteriores às do *Houaiss Online*.

Dessa forma, o presente trabalho pretende contribuir para os estudos do léxico científico português, buscando os termos formados pelos sufixos *-ad(o)* e *-os(o)* presentes no *Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural* de Vandelli, os quais possam ser neologismos criados ou introduzidos pelo autor. Apresentamos a seguir uma breve discussão sobre esses sufixos nas gramáticas de Cunha e Cintra (2008), Bechara (2004) e Rio-Torto *et al.* (2016), entre outros autores da teoria lexical, para então, analisar os dados encontrados, observando as características morfológicas e semânticas desses sufixos.

3 Os sufixos *-ad(o)* e *-os(o)* nas gramáticas e estudos linguísticos

Para verificar como esses sufixos são descritos nas gramáticas tradicionais, escolhemos as obras de Bechara (2004) e de Cunha e Cintra (2008), que são dois dos mais importantes manuais de gramática disponíveis atualmente. Também consultamos as descrições desses sufixos em Rio-Torto *et al.* (2016), por ser um dos estudos mais completos sobre a formação de palavras em português.

Segundo Bechara, “O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o derivado” (Bechara, 2004, p. 338). Tanto Bechara (2004) quanto Cunha e Cintra (2008) classificam os sufixos de acordo

³ Em 1788, também foi publicada a obra *Compendio de Botanica*, de Felix de Avellar Brotero. Tal obra foi incorporada nos dados do dicionário *Houaiss Online* e é por isso que algumas unidades lexicais têm a mesma datação da obra de Vandelli. Todavia, não se sabe qual obra foi publicada primeiro nesse mesmo ano, e desconhece-se se, para a elaboração de ambas as obras, os autores leram, ou não, os textos um do outro. Sendo assim, quando a datação é de 1788, a unidade lexical é considerada um neologismo.

com a classe gramatical dos derivados que formam: sufixos nominais – aqueles que formam adjetivos e substantivos –, verbais e o sufixo adverbial *-mente*.

3.1 O sufixo *-ad(o)* e o particípio em verbos

O sufixo *-ad(o)* é um sufixo nominal formador de adjetivos⁴. Cunha e Cintra (2008, p. 112) apresentam dois valores semânticos para esse sufixo: “provado ou cheio de” (*barbado, dentado*) ou “que tem caráter de” (*amarelado, adamado*). Bechara (2004, p. 363) considera esse sufixo como um dos principais sufixos formadores de adjetivos (*barbado*). Rio-Torto *et al.* (2016, p. 243) também descrevem esse sufixo como formador de adjetivos, exemplificando com *azulado, frutado, iodado, mentolado, salmonado*.

Esse sufixo é homófono da terminação *-ad(o)* presente nos participios de verbos da primeira conjugação, como *amado, cantado, chegado* etc. Embora a desinência de particípio seja apenas *-do*, conforme afirmam Cunha e Cintra (2008, p. 408), surgem dilemas quando se tem que identificar se a unidade lexical em questão é um adjetivo oriundo da conversão a partir de particípio verbal ou um adjetivo derivado de um substantivo pelo sufixo *-ad(o)*. Basilio (2004) exemplifica o problema com *desdentado*:

O adjetivo *desdentado* significa “sem dente”; é, portanto, semanticamente paralelo a *desalmado*. Há uma diferença entre os dois casos, no entanto: existe o verbo *desdentar* em português. Assim, normalmente não se considera *desdentado* como derivação parassintética, mas como sendo particípio passado do verbo *desdentar*. Essa análise, porém, não é adequada, visto que o sentido de *desdentado* é, sobretudo, “sem dente” ou “falho de dentes”, e não “paciente do ato de desdentar” (Basilio, 2004, p. 46).

⁴ Entendemos que o sufixo *-ad(o)* não se confunde com o sufixo *-ada*, formador de substantivos indicativos de “multidão, coleção” (*boiada, papelada*), “porção contida num objeto” (*colherada*), “marca feita por um instrumento” (*pincelada*), “ferimento ou golpe” (*facada*), “produto alimentar, bebida” (*bananada, laranjada*), “duração prolongada” (*temporada, invernada*) ou “ato ou movimento enérgico” (*cartada*) (exemplos de Cunha e Cintra, 2008, p. 108). Tampouco se confunde com o sufixo *-ado* formador de substantivos indicativos de “território subordinado a titular” (*bispado, condado*) e “instituição, titulação” (*doutorado*) (exemplos de Cunha e Cintra, 2008, p. 109). Assim, para efeito de nossa análise, consideramos apenas o sufixo *-ad(o)* formador de adjetivos.

A autora afirma que, nas frases a) *João é desdentado* e b) *O soco de Pedro deixou João desdentado*, *desdentado* tem o sentido de “sem dentes”; já em c) *João foi desdentado por Pedro*, *desdentado* tem relação derivativa com o verbo *desdentar* (Basilio, 2004).

Dessa forma, segundo a autora, *desdentado* admite duas análises possíveis para a sua formação: “uma parassintética, em que temos a adição simultânea de *des-* e *-ado* ao substantivo *dente*, para expressar o sentido adjetivo de ‘sem dente’; e uma em dois níveis, em que temos o acréscimo de *-do*, caracterizador de particípio passado, à base do verbo *desdentar*” (Basilio, 2004, p. 47).

Câmara Jr. (1970) já havia comentado tal dilema, ao descrever o particípio como algo que:

[...] foge até certo ponto, do ponto de vista mórfico, da natureza verbal. É no fundo um adjetivo com as marcas nominais de feminino e de número plural em /s/. Ou em outros termos: é um nome adjetivo, que semanticamente expressa, em vez de qualidade de um ser, um processo que nele se passa. O estudo morfológico do sistema verbal do português pode deixá-lo de lado, porque morfologicamente ele pertence aos adjetivos, embora tenha valor verbal no âmbito semântico e sintático (Câmara Jr, 1970, p. 103).

Em termos conceituais, o dilema em questão pode ser colocado da seguinte forma: sob um ponto de vista, (a) o sufixo formador de adjetivos e a desinência de particípio devem ser entendidos como elementos morfológicos distintos (homófonos, portanto); sob outro ponto de vista, (b) não existiria propriamente um sufixo *-ad(o)*, mas apenas a desinência de particípio, com os empregos adjetivais explicados por meio do processo sintático de conversão. Analisemos brevemente os dois pontos de vista.

a) Se admitirmos a análise de dois elementos distintos:

Nos casos em que o adjetivo em *-ad(o)* é derivado de um substantivo e inexiste o verbo correspondente (*barbado*, *frutado* etc.), é possível argumentar que estamos diante de uma derivação sufixal, e não de uma conversão de particípio em adjetivo. Por exemplo, o adjetivo *frutado* é usualmente considerado como derivado de *fruta*,

sendo semanticamente mais próximo de um adjetivo (“que apresenta sabor ou aroma a fruta”) do que do verbo inexistente **frutar*⁵. Assim, um “vinho frutado” é um vinho com sabor a fruta, não um vinho que passou por algum tipo de processo de adição de sabor (embora esse processo exista para outros produtos alimentícios).

Já nos casos em que ocorre na língua tanto o substantivo quanto o verbo correspondente (como no caso de *desdentado*, anteriormente mencionado), ocorre a ambiguidade descrita por Basilio (2004), já mencionada.

- b) Se admitirmos a análise de que se trata da desinência de particípio em ambos os casos:

Nesse caso, é preciso explicar a existência de adjetivos como *barbado* e *frutado* mesmo sem o verbo correspondente. Uma das explicações possíveis, aqui, é a proposta do “salto de etapas” (Sandmann, 1994), em que se pressupõe uma etapa não atestada, mas necessária para a descrição fonológica e semântica do derivado (**barbar* ou **frutar*). Outra possibilidade de explicação é a analogia com outros adjetivos em *-ad(o)* sem a necessidade de se estabelecer analogia com um verbo (Maroneze, 2011, 2012).

Independentemente da explicação teórica, a análise de que se trata apenas da desinência de particípio está também relacionada à presença da semântica de “processo” (ou seja, semântica verbal) no adjetivo derivado, ou seja, o adjetivo seria parafraseado por “resultado do processo X”. Essa paráfrase fica muito difícil nos exemplos de “homem barbado” ou “vinho frutado”, mas já seria possível no exemplo do adjetivo *mentolado*: ainda que o seu significado seja mais propriamente “que apresenta sabor ou aroma a mentol”, é possível argumentar que o sabor a mentol só

⁵ O dicionário *Houaiss* registra o verbo *frutar* com o sentido de “dar de si, dar origem a; produzir, frutificar”, portanto, não relacionado ao sentido corrente de *frutado* como “que apresenta sabor ou aroma a frutas”. O processo de adicionar frutas (ou sabor/aroma a frutas) em produtos como purês, compotas, laticínios, pastelaria e bebidas, frequente na indústria alimentícia, parece não ser codificado através de um hipotético verbo *frutar* (ao menos não nos foi possível encontrá-lo em buscas no buscador Google.com), ainda que o adjetivo *frutado* possa ser de fato empregado nesse contexto.

pode existir se for aplicado por meio de um processo, o que legitimaria uma leitura deverbal a partir de *mentolar*⁶.

Em resumo, pode-se considerar o elemento *-ad(o)* como: (a) dois elementos homófonos, um sufixo nominal *-ad(o)₁* (em *barbado*, *frutado*) e uma desinência de particípio *-ad(o)₂* (em *amado*, *amarelado* etc.); ou (b) apenas a desinência de particípio *-ad(o)*, supondo uma espécie de etapa verbal intermediária (seja ela formal, semântica ou ambas) nos casos em que o verbo não é atestado. A questão não é simples e depende tanto de posicionamentos teóricos quanto da análise de dados empíricos. Na seção 4, apresentamos diversos dados em que não há verbo correspondente (nem parece ser possível uma paráfrase relacionada a processo) e, dessa forma, optamos, nesses casos, por considerar a base como sendo um substantivo.

3.2 O sufixo *-os(o)*

O sufixo *-os(o)*, assim como *-ad(o)*, também forma adjetivos. Diferentemente de *-ad(o)*, por sua vez, esse sufixo não apresenta, para os autores que consultamos, dupla possibilidade de análise, tomando como base exclusivamente substantivos. Cunha e Cintra (2008, p. 113) descrevem o valor semântico desse sufixo com a mesma descrição da primeira acepção de *-ad(o)*: “provido ou cheio de” (*brioso*, *venenoso*). Bechara (2004, p. 363) também lista esse sufixo entre os formadores de adjetivos (com os exemplos *bondoso*, *primoroso*, *fastoso*), incluindo a forma variante *-uoso*, em *espirituoso*, *fastuoso*, *untuoso*. Rio-Torto *et al.* (2016) mostram que esse sufixo pode unir-se a substantivos (como em *brioso*, *espaçoso* - Rio-Torto *et al.*, 2016, p. 252) e a verbos (como em *queixoso*, *humilhoso*, *imaginoso*, *necessitoso* - Rio-Torto *et al.*, 2016, p. 279-280), sendo esta situação bem menos prototípica.

⁶ Cabe mencionar que, embora não dicionarizado, o verbo *mentolar* tem ocorrência na língua, conforme se observa em buscas no site buscador Google.com. Seu significado é “aplicar mentol a”, aparecendo em expressões como “mentolar um alimento” ou “mentolar tabaco”.

4 Análise dos neologismos do século XVIII (Vandelli, 1788)

4.1 Termos em -ad(o)

Apresenta-se a seguir, no Quadro 1, a lista com os neologismos em -ad(o) (14 ao todo) encontrados na obra de Vandelli (1788), a datação encontrada no dicionário *Houaiss Online*, o contexto em Vandelli, a estrutura morfológica e o termo correspondente em latim.

Quadro 1 - neologismos em -ad(o) presentes em Vandelli (1788)

Neologismo	Datação no <i>Houaiss Online</i>	Contexto (Vandelli, 1788)	Estrutura morfológica (depreendida de Vandelli, 1788)	Correspondente em latim
canaliculado	1836	PENNA. Consta de huma base cylindrica, concava, que se extende pelo Rachis. (V. Rachis) arqueada para a parte inferior, liza superiormente, quasi canaliculada na parte inferior [...]. (p. 21)	canalículo + -ad(o)	canaliculatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 87)
ciliado	sem data	— Ciliata. Ciliada , quando a margem posterior, ou todo o contorno he cortado como huma franja, ou ornado com appendices carnosos parallelos. (p. 56)	cílio + -ad(o)	ciliatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 56)
digitado	1836	— Binatum. fig. 63. He a folha digitada com duas pequenas folhas somente. (p. 230)	dedo + -ad(o)	digitatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 137)
emarginado	sem data	— Fastigiata. Excavados, ou emarginados no apice. (p. 92)	en- + margem + -ad(o)	emarginatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 87)
equilibrado	1789	PEDES aequilibres. Que servem para ter o corpo	equilíbrio + -ad(o)	aequilibratus, a, um - particípio

		em equilibrio, á diferença dos compedes, que naõ sustentao o corpo equilibrado . (p. 21)	ou equilibrar + - ad(o)	passado de aequilibrio, -are ⁷
fastigiado	sem data	Fasciculus. São flores elevadas, paralelas, fastigiadas (23), e muito visinhas. (p. 245)	fastígio + - ad(o)	fastigiatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 206)
labiado	1818	Na corolla labiada . Rictus. He o espaço, ou abertura dos dous beiços. (p. 259)	lábio + -ad(o)	labiatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 259)
lanceolado	1788 (Brotero)	— Acinaciforme. fig. 56. folha carnosa lanceolada , comprimida nos lados, com hum lado convexo, e apertado, e outro mais direito, e mais grosso á maneira de alfange. (p. 228)	*lancéolo (não registrado no Houaiss) + - ad(o)	lanceolatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 114)
ligulado	sem data	— Radiata. As pequenas corollas do disco da flor commua, ou que estaõ no meio, saõ tubulosas, e as corollas, que estaõ na circunferencia saõ liguladas [...]. (p. 261)	lígula + -ad(o)	ligulatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 283)
lobado	1788 (Brotero)	- Sublobatus. Quasi lobado , ou com pequenas prominencias na baze. (p. 4)	lobo + -ad(o)	lobatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 145)
pontoado	1788 (Brotero)	— Punctatæ. Pontoadas , cubertas de pontos. (p. 71)	ponto + -ad(o) ou pontoar + - ad(o)	punctatus, a, um ⁸ (Vandelli, 1788, p. 69)

⁷ O adjetivo latino *aequilibratus, a, um* não aparece na obra de Vandelli, mas o verbo *aequilibrio, -are* aparece nos dicionários de latim, como o *Oxford Latin Dictionary* (Oxford, 1968).

⁸ Este é o único caso em que a forma latina parece não corresponder exatamente à portuguesa, visto que “punctatus” parece supor uma forma portuguesa “pontado”, e não “pontoado”, como de fato ocorre.

ocelado	1958	— Pupillatæ. São as mesmas ocelladas , ou com malhas á maneira de olho com hum ponto no meio da dita malha. (p. 80)	ocelo + -ad(o)	ocellatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 80)
tuberculado	1788 (Brotero)	- Tuberculatae. Tuberculadas , a parte arqueada concava do ossiculo he cuberta de tuberculos, cousa, que se observa em quasi todos os peixes. (p. 35)	tubérculo + -ad(o)	tuberculatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 115)
verticilado	1788 (Brotero)	He semelhante ás folhas, se acha na base das umbellas, e algumas vezes nas flores verticiladas . (p. 252)	verticilo + -ad(o)	verticillatus, a, um (Vandelli, 1788, p. 241)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Todos estes neologismos são adjetivos e apresentam correspondentes em latim presentes no próprio texto de Vandelli, com exceção de dois casos: *equilibrado* (cujo correspondente aparece em dicionários de latim, mas não em Vandelli) e *pontoado* (a que Vandelli faz corresponder a forma *punctatus*, que não é uma correspondência exata). Dessa forma, pode-se hipotetizar que (com exceção talvez de *pontoado*) todos esses neologismos foram criados tendo por base o termo latino correspondente.

Em relação à estrutura morfológica, com exceção de três casos (os mesmos *equilibrado* e *pontoado*, bem como *lanceolado*), todos os neologismos podem ser entendidos como derivados de substantivos, visto que os verbos correspondentes não se encontram atestados no dicionário *Houaiss*. Nos casos de *equilibrado* e *pontoado*, ambos podem ser analisados tanto como derivados de substantivos (*equilíbrio* e *ponto*) como de verbos (*equilibrar* e *pontoar*). Já o caso de *lanceolado* é único porque a base seria

o substantivo **lancéolo*, não registrado no *Houaiss* (e, portanto, assumido como à época não atestado em português⁹).

Há mais uma questão a ser apontada: nos casos de *canaliculado*, *ligulado* e *ocelado*, as respectivas bases *canalículo*, *lígula* e *ocelo* têm datação posterior à própria obra de Vandelli, de acordo com o dicionário *Houaiss*¹⁰; dessa forma (e aceitando essas datações até que novos dados surjam), essas bases não estariam disponíveis, à época, para a formação dos respectivos termos. Assim, estes três casos devem ser classificados semelhantemente ao caso de *lanceolado*.

Com isso, é possível propor a seguinte classificação para os neologismos em -*ad(o)*:

- a) neologismos que são formas latinas adaptadas (latinismos)
 - i) e que têm uma estrutura morfológica portuguesa de derivado sufixal, correspondente a “substantivo + sufixo -ad(o)”
ciliado, fastigiado, labiado, lobado, tuberculado, verticilado
 - ii) e que têm uma estrutura morfológica portuguesa de parassíntese
emarginado
 - iii) e que têm uma estrutura morfológica portuguesa que recupera/incorpora a forma erudita da base
digitado
 - iv) e que não têm (ou não tinham/teriam à época) base correspondente em português
lanceolado; canaliculado, ligulado, ocelado

⁹ O adjetivo *lanceolado* é claramente uma adaptação do latim *lanceolatus*. Essa também é a opinião de Cunha (1982, s.v. *lança*), que afirma que o latim *lanceolus* é o diminutivo de *lancea* (que significa “lança”). Conforme discutido na seção 5, esse exemplo demonstra com clareza a distinção entre descrição etimológica e estrutura morfológica dos termos.

¹⁰ *Canalículo*: 1873; *lígula*: 1815; *ocelo*: 1881. Também em Cunha (1982): *canalículo*: 1873; *lígula*: 1858; *ocelo*: 1899; *verticilo*: 1874. Apenas *tubérculo* é localizado em Cunha no século XVII.

- b) neologismos que podem ser analisados tanto como derivados de verbos quanto como derivados de substantivos

equilibrado, pontoad

4.2 Termos em -os(o)

Os termos neológicos em -os(o) identificados são os treze termos seguintes, apresentados no Quadro 2:

Quadro 2 - neologismos em -os(o)

Neologismo	Datação no <i>Houaiss Online</i>	Contexto (Vandelli, 1788)	Estrutura morfológica (depreendida de Vandelli, 1788)	Correspondente em latim
bulboso	1836	— Bulbosa. O Bulbo, quando a raiz he mais grossa, que o tronco. fig 125; e a raiz bulbosa he de huma substancia mais molle, succosa; ou esta he tunicata. (p. 195)	bulbo + -os(o)	bulbosus, a, um
cirroso	sem data ¹¹	CIRROSUS. Cirrozo , ou filamentoso. (p. 131)	cirro + os(o)	cirrosus, a, um ¹² cirhosus, a, um
granuloso	1788	— Obtusi. A sua extremidade he obtusa; e entaõ elles differem dos granulosos por serem compridos, e agudos sem serem picantes. (p. 41)	grão / grânulo + -os(o)	granulosus, a, um

¹¹ O dicionário *Houaiss* registra dois homônimos: *cirroso* (1) é relativo a cirro no sentido de “tumor” (como em *cirrose*), e é datado de 1695. Já o segundo homônimo *cirroso* (2) é o termo da Botânica (em que “cirro” é sinônimo de “gavinha”), e não apresenta data.

¹² Conforme mencionado no verbete *cirro* do Dicionário Histórico de Termos da Biologia (Maroneze, 2022, s. v. *cirro*), aparentemente o latim científico especializou a grafia *cirrus* para a acepção da Botânica e *cirrus* para a Zoologia, ainda que o étimo muito provavelmente seja o mesmo. Assim, tanto *cirrhosus* quanto *cirrosus* são encontrados em latim.

lignoso ¹³	não registrad o	— Fruticosa, lignosa. A raiz, ou he de substancia carnosa, ou lignosa , ou tenra, ou rija, ou sucosa, ou farinacea. (p. 194)	?	lignosus, a, um
membranoso	1794	FORAMINULUM. Pequeno buraco. — Submembranaceum. Quasi membranoso . (p. 139)	membrana + -os(o)	membranosus, a, um
peghanoso	sem data ¹⁴	Viscositas. Humor crasso, peghanoso , que unta o caule ao redor, as folhas &c. (p. 239)	peghanho (?) + -os(o)	-
piloso	1823	— Nudum. Sendo a folha destituida de excrescencias pilosas , verrucosas &c. (p. 222)	pelo + -os(o)	pilosus, a, um
tendinoso	1790	PINNA Spuria: He a barbatana cutanea destituida de raios osseos e tendinozos . (p. 61)	tendão + -os(o)	tendinosus, a, um ¹⁵
tomentoso	1788	— Subtumentosa. Quasi tomentosa , ou com tomento. (p. 150)	tomento + -os(o)	tomentosus, a, um

¹³ Este termo ocorre três vezes na obra de Vandelli, sempre com o sentido de “com consistência de madeira”, ou seja, o mesmo sentido do latim *lignosus, a, um*. No entanto, o termo mais propriamente equivalente em português seria *lenhoso* (datado de 1716 segundo o dicionário *Houaiss*). Hipotetizamos que Vandelli possa ter criado o neologismo *lignoso* por desconhecer a forma vernácula (visto não ser ele um falante nativo do português). Seria possível supor que a base fosse o adjetivo *lígneo*, atestado em 1665 (segundo o dicionário *Houaiss*), mas, como já mencionado, o sufixo *-os(o)* não se une a bases adjetivas, e assim esse seria um caso único.

¹⁴ Embora o *Houaiss* não registre data, é pouco provável que tenha sido um neologismo criado por Vandelli, visto ser uma unidade lexical de caráter popular, sem correspondente em latim. A existência do cognato galego “pegañoso” (registrado no *Dicionario da Real Academia Galega*, Real Academia Galega, s/d) sugere uma origem possivelmente medieval. O dicionário *Houaiss* afirma ser formado pela base *peghanho*, mas julgamos ser improvável, visto que *peghanho* tem o sentido de “rajada de vento”, aparentemente não-relacionado. É possível que a base seja um verbo cognato do galego *pegañar* (com o sentido de “aderir”), também registrado no *Dicionario da Real Academia Galega*.

¹⁵ Essa forma não é encontrada em Vandelli, mas em outras obras em latim científico no Google Livros.

tubuloso	1788	— 2. Tubulosus, flosculosus Tournefort. Todas as pequenas corollas, saõ tubulosas , ou como canudos quasi iguaes. (p. 283)	tubo / túbulo ¹⁶ + -os(o)	tubulosus, a, um
ventricoso	sem data	— Fusiformis. De figura de fuzo, ou medea entre a figura conica, e oval, ou turrita, alguma cousa ventricosa . (p. 164)	ventre + os(o)	ventricosus, a, um
verrucoso	sem data	— Nudum. Sendo a folha destituida de excrescencias pilosas, verrucosas &c. (p. 222)	verruga + -os(o)	verrucosus, a, um
viloso	1881	— 4. Plomosus. fig. 162. b. Papo plomoso, ou villoso , sendo cada pello composto como huma penna. Leontodon. Tragopogon. Valeriana. (p. 280)	vilo + -os(o)	villosus, a, um

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação aos neologismos em *-os(o)*, colocam-se alguns problemas semelhantes aos casos em *-ad(o)*. Inicialmente, observa-se que, com exceção de *peganhoso* (que muito certamente é uma unidade lexical mais antiga), todos apresentam correspondente latino, em geral encontrado na própria obra de Vandelli (salvo *tendinosus, a, um*). Destes, dois (*membranoso* e *tomentoso*) apresentam claramente uma estrutura morfológica de derivado sufixal - respectivamente, *membrana* e *tomento* + *-os(o)*. Outros quatro também apresentam essa mesma estrutura, com a diferença de que suas bases portuguesas também eram neologismos na época (ou seja, atestadas

¹⁶ A forma portuguesa “túbulo” tem datação no *Houaiss* posterior à obra de Vandelli, de modo que pode ter sido criada posteriormente, por retroformação.

pela primeira vez em 1788): *bulboso* (de *bulbo*), *cirroso* (de *cirro*), *granuloso* (de *grânulo*) e *vilosos* (de *vilo*). Mais outros quatro adjetivos podem ser analisados como casos em que a base recupera uma forma latina erudita: *piloso* (de *pelo*), *tendinoso* (de *tendão*), *ventricoso* (de *ventre*¹⁷) e *verrucoso* (de *verruga*). Juntam-se a esses casos as formas *granuloso* e *tubuloso*, que podem ser analisadas tanto como derivadas de *grânulo* e *túbulo* (o primeiro, um neologismo para a época; o segundo, uma palavra posterior) quanto como derivadas de *grão* e *tubo*, por meio da recuperação das formas latinas. Por fim, a forma *lignoso* é duvidosa, sendo possivelmente uma variante de *lenhoso* que ocorreu por desconhecimento do autor.

Assim, tem-se a seguinte classificação:

- a) neologismos que são formas latinas adaptadas (latinismos)
 - i) e que têm uma estrutura morfológica portuguesa de derivado sufixal, correspondente a “substantivo + sufixo -os(o)”
membranoso, tomentoso
 - ii) e que têm uma estrutura morfológica portuguesa de derivado sufixal, correspondente a “substantivo + sufixo -os(o)”, cuja base também era um neologismo na época
bulboso, cirroso, viloso
 - iii) e que têm uma estrutura morfológica portuguesa que recupera a forma erudita da base
piloso, tendinoso, ventricoso, verrucoso
 - iv) que podem ser analisados tanto como (ii) quanto como (iii)
granuloso, tubuloso

¹⁷ Do ponto de vista puramente sincrônico, não seria fácil explicar de onde surgiu o elemento *-ic-* de *ventricoso*, visto que o radical latino seria apenas *ventr-*, resultando numa forma hipotética **ventroso*. O latim científico *ventricosus*, *a*, *um* ocorre em Vandelli, mas não é atestado no *Oxford Latin Dictionary* (Oxford, 1968), que registra apenas *ventriosus*, *a*, *um* (com o mesmo sentido de “barrigudo”). Dessa forma, é possível que o latim científico *ventricosus* tenha surgido de uma confluência entre a forma clássica *ventriosus* e o diminutivo *ventriculus*.

- v) e que não têm base correspondente em português
lignoso
- b) palavra que provavelmente não é neologismo e que derivaria de um verbo *peganhlar
peganhoso

5 Discussão

Os dados aqui apresentados apontam para a necessidade de estabelecer uma distinção clara entre a estrutura morfológica e a descrição etimológica dos termos. Formas como *tuberculado* e *membranoso*, entre várias outras aqui descritas, apresentam indubitavelmente uma estrutura morfológica de derivado, sendo formadas por uma base e um sufixo. No entanto, é fato que, antes dessas unidades existirem em português, já existiam “versões” dessas mesmas unidades em latim e, portanto, não seria correto afirmar que elas surgiram em português apenas por meio de um processo vernáculo de formação de palavras.

Dito de outra forma: supondo (para efeitos desta argumentação) que o seu criador tenha sido o próprio Vandelli, é certo que, ao criar *bulioso*, ele não apenas estava juntando o sufixo *-os(o)* ao substantivo-base *bulbo*, mas estava também adaptando ao português a forma latina *bulbosus*, *a*, *um*, que ele certamente conhecia (visto também estar registrada em seu dicionário). Isso fica ainda mais evidente em formas como *digitado* e *verrucoso*, que, se fossem criadas inteiramente a partir de unidades lexicais do português, resultariam em formas como **dedado* e **verrugoso*. Assim, é preciso distinguir a estrutura morfológica do termo (por exemplo, *bulbo* + *-os(o)*) da sua descrição etimológica.

Se adotarmos o conceito de *éntimo* presente em Viaro (2011, p. 99, grifo do autor) – “*a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer*” –, é possível entender que a forma equivalente de *bulioso* que lhe é imediatamente anterior é justamente a forma latina *bulbosus*, *a*, *um*, de modo que essa

forma deve ser considerada o seu étimo. Assim sendo, pode-se afirmar que os termos que se constituem em latinismos adaptados têm étimos latinos, mas estrutura morfológica vernácula. Viaro (2011, p. 100) exemplifica esse mesmo fenômeno com a palavra *fotográfico*, que tem étimo francês (*photographique*), embora possa ser apontada como derivada (morfologicamente) de *fotografia*.

Essas formações podem ser consideradas como decalques, segundo o conceito apresentado por Alves (2007, p. 79): “versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora”. Nos termos que empregamos aqui, esse conceito pode ser assim reformulado: o decalque seria uma unidade lexical cuja estrutura morfológica é vernácula, mas cujo étimo é estrangeiro.

Decalques como esses são predominantes nas terminologias científicas, já há alguns séculos, como se observa nos dados aqui apresentados. A respeito disso, Cabré afirma que “não convém que uma sociedade adote, para a terminologia especializada (sobretudo em alguns campos muito internacionalizados), soluções demasiado locais, já que provocariam um isolamento linguístico inevitável”¹⁸ (Cabré, 1993, p. 458, tradução nossa). Os decalques provenientes do latim e do grego têm esse caráter internacional, como a própria autora afirma mais adiante (Cabré, 1993, p. 460, tradução nossa)¹⁹:

A maior parte das palavras que têm uma forma gráfica internacional derivam do latim ou do grego. Por essa razão, não são percebidas como estranhas nas línguas românicas, nem tampouco no inglês, que possui um grande número de palavras que procedem do fundo grecolatino.

¹⁸ No original: “no es conveniente que una sociedad adopte para la terminología especializada (sobre todo en algunos campos muy internacionalizados) soluciones demasiado locales, ya que provocarían un aislamiento lingüístico inevitable.”

¹⁹ No original: “La mayor parte de las palabras que tienen una forma gráfica internacional derivan del latín o del griego. Por esta razón no se perciben como extrañas en las lenguas neolatinas, ni tampoco en el inglés, que posee un buen número de palabras que proceden del fondo grecolatino.”

Assim, pode-se perceber que a importância dos decalques para as terminologias já foi percebida intuitivamente por Vandelli, pioneiro na criação de termos em português.

6 Considerações finais

A análise dos neologismos encontrados na obra de Vandelli (1788) revelou, inicialmente, a grande importância do seu *Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural* para a consolidação da terminologia em língua portuguesa, como já tinha sido também apontado por Pereira (2017) e Maroneze (2019). Além disso, os dados coletados permitem observar o fenômeno da adaptação de termos do latim para o português, fenômeno esse que envolve uma dupla análise: enquanto, etimologicamente, esses termos são descritos como latinismos, do ponto de vista morfológico, são derivados sufixais, constituindo-se, dessa forma, em decalques.

Em relação ao sufixo *-ad(o)*, ficou evidente que ele não é apenas uma desinênciam de particípio, mas um sufixo que frequentemente se une a bases substantivas, sem que haja necessariamente um verbo correspondente; ou que corresponde à adaptação da terminação latina *-atus, a, um*, mesmo sem uma base atestada em português (como *lanceolado*). Essa formação de adjetivos em *-ad(o)* sem verbo correspondente está ainda presente no português contemporâneo, conforme exemplificam Rio-Torto *et al.* (2016, p. 243) com *frutado, iodado* e *salmonado*, e é possível hipotetizar que essa construção tenha surgido exatamente desses decalques na formação de termos no século XVIII, o que poderá ser confirmado por pesquisas futuras.

Por fim, ressaltamos que o estudo histórico da formação dos termos possibilita um maior entendimento de diversos aspectos da morfologia da língua portuguesa, bem como da história das práticas científicas.

Referências

ALVES, I. M. **Neologismo**. Criação lexical. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ALVES, I. M.; MARONEZE, B. O. Estudos sobre a neologia do português: reflexões sobre a detecção de neologismos. In: RODRIGUES-PEREIRA, R.; NADIN, O. L. (orgs.). **Estudos do léxico: múltiplas abordagens**. Campinas, SP: Pontes, 2025, pp. 23-43.

BARBOSA, K. da S. **Termos neológicos formados pelo sufixo -ado na obra de Vandelli (1788)**. Dissertação (mestrado em Estudos de Linguagens) - Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/jspui/retrieve/e72b76a3-f35f-449c-8a9d-17f1b8b77209/Dissertação%20de%20mestrado%20-%20Kamila%20da%20Silva%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 31 out. 2025.

BASILIO, M. **Teoria lexical**. 7.ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 1. ed. (2. reimpressão). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss Online**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, s/d. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/> [acesso pago].

MARONEZE, B. C. In: MARONEZE, B. (coord.) **Dicionário Histórico de Termos da Biologia**. 2022. Disponível em: <https://dicbio.fflch.usp.br/>. Acesso em: 03 Mai. 2025.

MARONEZE, B. Termos neológicos em sincronias pretéritas: um estudo do Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural de Vandelli. In: GIL, B. D. et al. **Saberes lexicais**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019, p. 96-109. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/389>. Acesso em: 31 out. 2025.

MARONEZE, B. Ordem de adição de afixos no português brasileiro: dados de unidades lexicais neológicas. **Alfa**, São Paulo, vol. 56, n. 1, 2012, pp. 201-215. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4966/4136>. Acesso em: 05 set. 2022.

MARONEZE, B. **Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas**. Tese (doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28092011-102939/publico/2011_BrunoOliveiraMaroneze.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

OXFORD Latin Dictionary. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PEREIRA, A. R. A afirmação do português como língua de ciência: o caso da Botânica. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 113-126, jan./jun. 2017.

REAL ACADEMIA GALEGA. **Dicionario**. s/d. Disponível em: <https://academia.gal/dicionario>. Acesso em: 03 mai. 2025.

RIO-TORTO, G. et al. **Gramática derivacional do português**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/entities/publication/5b9755e0-499e-46f9-8bab-adca1caac3c4>. Acesso em: 31 out. 2025.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

SANDMANN, J. A. Salto de etapa(s) na formação de palavras. **DELTA**, vol. 10, n. 1, 1994, pp. 83-87. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45470/30044>. Acesso em: 31 out. 2025.

VANDELLI, D. **Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural extraídos das Obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos. E a Memoria sobre a Utilidade dos Jardins Botanicos que offerece a Raynha D. Maria I. Nossa Senhora Domingos Vandelli**. Real Officina da Universidade, 1788. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodost00vand/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 31 out. 2025.

VERNEY, L. A. **Verdadeiro Metodo de Estudar, para ser util à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal.** Tomo primeiro. Valença: Na Oficina de Antonio Balle, 1746. Disponível em: <https://archive.org/details/verdadeiromtodod01vern/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 31 out. 2025.

VIARO, M. E. **Etimologia.** São Paulo: Contexto, 2011.

Artigo recebido em: 18.12.2025

Artigo aprovado em: 06.01.2026